

## Sem emprego seguro, jovens europeus simbolizam futuro incerto da economia

11/08/2014

Por Ilan Brat e Giada Zampano | The Wall Street Journal, de Madri e Roma

Quando os pais de Serena Violano tinham em torno de 30 anos, eles tinham empregos seguros, casa própria e duas filhas pequenas. Hoje, Serena tem 31 anos, é formada em advocacia e ainda divide o quarto com sua irmã mais velha na casa da família na pequena cidade de Mercogliano, perto de Nápoles. Serena passa seus dias estudando para o exame de qualificação para tabeliã na expectativa de conseguir um emprego estável. E com seu namorado de 34 anos vivendo de trabalhos temporários, ela não ousa nem sonhar em construir o tipo de vida que seus pais tinham como certo. "Para nossos pais, tudo era muito mais fácil", diz ela. "Eles tiveram a oportunidade de começar sua própria vida. Em vez disso, nós já não temos qualquer garantia sobre nosso próprio futuro." As expectativas frustradas da vida adulta de Serena dividem a sua geração e a de seus pais, o que desafia o sonho mais amplo de prosperidade do continente.

Nas economias mais fracas da Europa, pessoas em seus 20 e 30 anos sempre têm um pouco de esperança de conquistar a mesma carreira, recursos e segurança econômica de seus pais. Em países como Espanha e Itália, o nível de emprego caiu para pessoas abaixo de 40 anos desde 2008, enquanto permaneceu estável ou cresceu na geração de seus pais. Esse cenário expõe uma verdade dolorosa: o custo crescente da proteção trabalhista que garantiu uma vida confortável à geração nascida logo após a 2ª Guerra Mundial, os "baby boomers", agora impede que seus filhos tenham os mesmos benefícios. A geração mais velha se beneficiou de décadas de proteção trabalhista, aumentos salariais garantidos pelos sindicatos e a promessa de uma aposentadoria confortável. Tudo isso possibilitou que atravessassem a mais longa crise europeia depois da guerra razoavelmente bem. Mas hoje os jovens europeus não esperam muito mais que empregos temporários com salários baixos. Em muitos países, os empregadores relutam em oferecer contratos permanentes devido a rígidas regras trabalhistas e altos impostos que custeiam a enorme conta da previdência da qual seus pais fazem parte. A fatura está crescendo: a renda média de pessoas acima de 60 anos aumentou entre 2008 e 2012 em quase todos os países da União Europeia, segundo a agência de estatísticas do bloco, a Eurostat. E caiu para pessoas abaixo de 25 anos em quase metade dos membros da UE, incluindo Espanha, Portugal, Reino Unido e Holanda. Isso deixa os jovens cada vez mais dependentes da geração mais velha.

E os pais estão frustrados porque seus filhos na faixa dos 30 e 40 anos não conseguem cortar o cordão umbilical. Um estudo recente da agência de pesquisa social da UE, a Eurofound, mostrou que o percentual de pessoas entre 18 e 29 anos vivendo com os pais passou de 44% para 48% entre 2007 e 2011, enquanto os níveis de pobreza entre jovens cresceram em quase toda a Europa. Esse problema irá pesar no crescimento futuro da região, que agora passa por uma recuperação frágil, já que longos períodos de desemprego entre jovens podem afetar os lucros de

empresas durante anos e travar o avanço da economia. Ao longo dos próximos vinte anos, a ausência da renda dos jovens da Espanha e da Grécia, onde a taxa de desemprego na faixa etária mais jovem supera 50%, pode se traduzir em uma perda no produto interno bruto em torno de 8% e 6%, respectivamente, segundo um relatório de janeiro de 2013 da firma de análises TD Economics. A Itália é um exemplo impressionante dessa diferença entre as gerações.

O nível de emprego entre os italianos com menos de 40 anos caiu nove pontos percentuais desde 2007, mas cresceu o mesmo tanto na faixa etária de 55 a 64 anos, segundo a Eurostat. A economia italiana entrou em sua terceira recessão desde 2008 no segundo trimestre deste ano, tornando ainda mais difícil para as gerações mais jovens se aproximarem das conquistas de seus pais, que viveram uma fase de expansão econômica. A ascensão gradual e constante de membros da geração nascida depois da Segunda Grande Guerra, os "baby boomers", como Vincenzo Violano, de 67 anos, e sua esposa Irene, de 62, alimentou expectativas otimistas em seus filhos. Vincenzo se formou em contabilidade e começou a trabalhar com 24 anos. Ele se aposentou em 2010. Sua esposa conseguiu um emprego estável como professora depois de se formar na faculdade. Quando compraram a casa própria, eles queriam mais espaço e autonomia para as filhas adolescentes. Eles deram a elas o maior quarto, não imaginando que elas continuariam vivendo lá na fase adulta, 15 anos depois. Como muitos europeus, os jovens italianos estão saindo de casa cada vez mais tarde. Em 2012, 64% dos italianos entre 18 e 34 anos ainda viviam com os pais, mais que os 60% verificados em 2004, segundo a Eurostat.

Serena imaginava seus 30 anos como uma fase de grandes avanços. Porém, ela se sente estagnada, tendo passado os últimos quatro anos trabalhando como estagiária, com salário baixo, e estudando para o exame de tabeliã. Nos últimos cinco anos, a renda dos tabeliães caiu 45% devido à crise. Uma fonte dos problema é a proliferação de contratos de trabalho de curto prazo, com baixos salários, que cresceu na Itália e na Espanha nas décadas de 80 e 90 como uma forma de ajudar os jovens a encontrar emprego, já que nesse modelo é mais fácil e barato para os empregadores contratar e demitir. Em 1998, 20% dos italianos menores de 25 anos eram trabalhadores temporários. Hoje, são mais de 50%, de acordo com a Eurostat. Isso acabou criando uma enorme lacuna entre a renda de jovens e "baby boomers".

Os salários iniciais começaram a cair na Itália no início dos 90 e continuaram declinando, segundo uma análise de 2013 do Banco da Itália, recuando quase 30% entre 1990 e 2010 para os homens. Salários iniciais baixos e contratos temporários mantiveram os jovens europeus dependentes de seus pais. Mas ao apoiar seus filhos financeiramente, os pais acabam, sem querer, atenuando a pressão pública para mudanças nas leis trabalhistas e de pensionistas que poderiam facilitar o início da carreira dos filhos, diz Luis Garicano, um proeminente economista espanhol da London School of Economics. Para Andrea Tarquini, 44 anos, filho de dois aposentados, voltar a viver com os pais foi uma solução extrema. Ele saiu de casa com 22 anos e trabalhou numa central de atendimento a clientes. Ele perdeu o emprego há quatro anos e tentou montar uma empresa de produção de vídeo.

Em dezembro, quando a empresa enfrentou problemas, ele foi obrigado a voltar a viver com os pais, em um apartamento de dois quartos em Roma. "Meus pais se tornaram minha rede de segurança social de novo." Para não incomodá-los, Andrea passa seu tempo livre em um pequeno quarto que ele dividia com a irmã quando criança. Ele é solteiro e não planeja se casar em breve. Sua mãe, Maria Giuseppina, de 67 anos, teme que as finanças da família - a aposentadoria dela e a do marido somam US\$ 1.900 - não bastarão para sustentar Andrea no longo prazo se a

companhia de vídeo não deslanchar. "Às vezes tenho que inventar desculpas quando nos convidam para comer uma pizza, porque não temos mais condições para isso."